

CARACTERIZAÇÃO E ANÁLISE DA LITERATURA TOCANTINENSE

CHARACTERIZATION AND ANALYSIS OF TOCANTINENSE LITERATURE

Rubens Martins da Silva

Doutor em Letras (UFT)

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9384336574949691>

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2334-0115>

E-mail: rubens.ms@unitins.br

Clarissa de Sousa Oliveira McCoy

Doutor em Letras (UCD/Irlanda)

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6395003773188101>

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5235-7162>

E-mail: clarissaucd@hotmail.com

Resumo: O presente artigo tem por objetivo divulgar resultados de um projeto de pesquisa que se dedicou à análise e caracterização da literatura no Tocantins. Nesse contexto, foram analisadas duas obras literárias que possibilitaram a apresentação de conceitos sobre os termos “Literatura Tocantinense” e “Literatura Produzida no Tocantins”. Em “Janela da Liberdade” (Veloso, 2016), observa-se a reinscrição crítica de românticos da domesticidade, tensionados pelas categorias de gênero e pelo questionamento das normas patriarcais, o que a situa como LPT. Já em “O que vi (e registrei) no caminho das águas” (Silva, 2023), a paisagem do rio Tocantins e os objetos cotidianos são mobilizados como operadores simbólicos de memória e pertencimento, consolidando sua classificação como LT. Nas concepções de Kleiman (2002), Marques Neto (2009), Cosson (2007) e Soares (1999), o artigo aborda a potencialidade dessa literatura para formação de leitores na educação básica e superior, bem como para a execução de pesquisas avançadas em níveis de mestrado e doutorado.

Palavras-chave: Literatura Tocantinense. Formação

Abstract: This article aims to disseminate results of a research project that was dedicated to analyzing the characterization of literature in Tocantins. In this context, two literary works were analyzed, making it possible to present concepts about the terms “Tocantinense Literature” and “Literature Produced in Tocantins”. In *Janela da Liberdade* (Veloso, 2016), the narrative reinscribes romantic of domesticity, problematized through gender categories and the critique of patriarchal norms, which situates the novel as LPT. In *O que vi (e registrei) no caminho das águas* [What I saw (and recorded) on the waterway] (Silva, 2023), the Tocantins River landscape and everyday objects are mobilized as symbolic operators of memory and belonging, consolidating its classification as LT. In the conceptions of Kleiman (2002), Marques Neto (2009), Cosson (2007) and Soares (1999), the article addresses the potential of this literature for training readers in basic and higher education, as well as for performing advanced research at masters and doctorates levels.

Keywords: Tocantins Literature. Reader Training. Ecocriticism.

Introdução

O debate em torno da literatura produzida no Tocantins vem crescendo nas últimas décadas, seja pela emergência de novos autores, seja pela necessidade de compreender como se configuram as expressões literárias em contextos regionais. Nesse enfoque, este artigo apresenta um dos importantes procedimentos de caracterização sobre o que se considera como Literatura Tocantinense (LT). Um dos esforços à concretização desta discussão resultou da execução do projeto de pesquisa “Caracterização e Análise da Literatura Tocantinense”, institucionalizado na Universidade Estadual do Tocantins (Unitins) e desenvolvido entre 2022 e 2023.

A LT é apontada pelo documento oficial da Secretaria de Educação, o DCT – Documento Curricular do Tocantins (Tocantins, 2019), como uma área de estudo literário que deve ser explorada na educação básica. Isso significa que as obras publicadas por escritores que fizeram ou ainda fazem parte da história de criação do Estado do Tocantins em 05 de outubro de 1988 devem contribuir para as atividades de formação de leitores nos espaços escolares, principalmente.

O objetivo geral da pesquisa realizada concentrou-se em realizar mapeamento de obras literárias produzidas em municípios tocaninenses com a finalidade de caracterizá-las e analisá-las sob a vertente de aspectos qualificadores do campo denominativo “literatura tocaninense”. Para isso, os objetivos específicos delimitaram-se em: a) realizar mapeamento de obras literárias publicadas em diferentes municípios tocaninenses; b) identificar nas obras literárias mapeadas os elementos característicos dos espaços locais/regionais relacionados desde a criação do Estado aos atuais; c) realizar análise de obras literárias tocaninenses como mecanismo de percepção dos aspectos regionais nelas retratados.

A pesquisa que possibilitou a escrita deste trabalho, ancorou-se no seguinte questionamento: quais aspectos regionais caracterizam a literatura produzida no Tocantins ao ponto de identificá-la como “literatura tocaninense”? Sem a intenção de respostas exatas, ou engessadas, a hipótese constatada convergiu para a percepção de que a caracterização da literatura tocaninense está associada a obras cujo enredo contempla traços relacionados, por exemplo, aos aspectos culturais, aos povos originários, aos rios, aos animais, às aves, às árvores, à culinária e aos elementos históricos e geográficos do Estado do Tocantins.

A ancoragem teórica inicial dessa investigação aproximou-se das reflexões sobre formação de leitores (Kleiman, 2002; Marques Neto, 2009), do letramento literário (Cosson, 2007) e da escolarização da leitura (Soares, 1999), sinalizando que a literatura regional, para além de documento cultural, atua como prática pedagógica e formadora.

No contexto específico das duas obras analisadas, o campo teórico foi aprofundado a partir dos estudos do feminismo (Beauvoir, 1970; Butler, 2003; Saffioti, 2013), da ecocrítica (Buell, 1995), dos estudos do espaço e lugar (Tuan, 1983), da teoria do campo literário (Bourdieu, 1996) e das pesquisas recentes sobre literatura regional de Silva e Macêdo (2024).

Além desta Introdução, das Considerações Finais e das Referências, este artigo está organizado em três seções. Na primeira, são apresentados breves registros de descrição do projeto de pesquisa que resultou na apresentação de indicadores conceituais sobre a caracterização da Literatura Tocantinense. Na segunda, são apresentadas as análises de duas obras literárias tocaninenses, sendo: a) O que vi (e registrei) no caminho das águas (2023), de Súsie Fernandes Santos Silva; b) Janela da Liberdade (2016), de Elismar Veloso. Na terceira, são apresentadas as definições que caracterizam a nomeação “Literatura Tocantinense - LT” em articulação e contraponto com a “Literatura Produzida no Tocantins - LPT”.

Diante do exposto, esta incursão investigativa sobre LT e LPT é importante porque potencializará a percepção sobre o que caracteriza a literatura regional, bem como a identificação de obras disponíveis aos estudos e pesquisas, sobretudo à formação de leitores.

À guisa reflexiva, este artigo apresenta aos leitores, professores e pesquisadores a potencialidade da Literatura Tocantinense. Isso significa que sua caracterização dará possibilidade de ampliação do debate nacional sobre literatura regional, identidade cultural e circulação simbólica. Assim, a LT, nesse horizonte, deve ser compreendida em sua dupla vocação: como campo de estudo

específico, capaz de orientar a prática pedagógica na educação básica, e como parte constitutiva da literatura brasileira, reivindicando visibilidade e reconhecimento no cenário crítico contemporâneo ao passo que se consolida no estado do Tocantins.

O projeto “caracterização e análise da literatura tocantinense”

A escrita deste artigo teve como foco os fundamentos constitutivos do projeto de pesquisa denominado “Caracterização e Análise da Literatura Tocantinense”, o qual foi desenvolvido no âmbito da Universidade Estadual do Tocantins (Unitins) no período de 2022 a 2023. O projeto cumpriu a dinâmica metodológica de levantamento de escritores vinculados a academias de letras dos municípios de Araguaína, Gurupi e Palmas, bem como a análise qualitativa de obras representativas. Tal recorte possibilitou a construção de um panorama inicial da LT, sem a pretensão de esgotar sua complexidade, mas de oferecer bases para futuras investigações.

Com ênfase no viés qualitativo, a pesquisa cumpriu a análise de duas obras imbricadas no campo da interpretação subjetiva, da flexibilidade, do interesse, da observação e do reconhecimento do objeto de estudo para o sucesso da ação proposta, bem como para os avanços científicos (Flick, 2009).

A pesquisa realizada não esgotou sua potencialidade quando do cumprimento das etapas registradas em seu cronograma. Por isso, foram divulgadas diferentes informações no canal “Literatura Tocantinense” (<https://bit.ly/3pFGllb>), na plataforma YouTube, como forma de socialização do conhecimento produzido com pesquisadores, professores e leitores.

Ao longo da execução da pesquisa que possibilitou a construção deste artigo, foram identificados textos que analisaram obras literárias tocantinenses sob diferentes vertentes. Os textos identificados corresponderam a artigos científicos, dissertações de mestrado e teses de doutorado, dentre os quais, optou-se pelo registro, no Quadro 1, de apenas três deles.

Quadro 1. Relação de textos científicos que abordam a literatura tocantinense.

Tipo de Texto	Título/Autores	Temática
Artigo Científico Disponível em: https://bit.ly/3FFUhuI	Sobre a leitura e “O Quati e outros contos”, de Fidêncio Bogo (2001) Francisco Neto Pereira Pinto Luiza Helena Oliveira da Silva	Discute concepções de leitura a partir da análise do livro <i>O quati e outros contos</i> (2001). Propõe a realização da leitura como um gesto que (também) constrói os sentidos, sentidos estes que muitas vezes escapam ao “controle” do enunciador, principalmente quando se levam em conta os assujeitamentos histórico-ideológicos.
Dissertação de mestrado Disponível em: https://bit.ly/3FhkvSD	Entre poetas e prosadores tocantinenses: estudo e propostas de aplicação da literatura na formação de leitores Rubens Martins da Silva	Discute concepções sobre a importância da literatura tocantinense para a formação de leitores. Tem como base a problemática: o que representa a literatura tocantinense para os professores e alunos do ensino médio? Os contos, as poesias e os romances tocantinenses são gêneros textuais de grande relevância para os professores e alunos?

Tese de doutorado Disponível em: https://bit.ly/3Hp2i89	Serra dos pilões-jagunços e tropeiros e mandinga: uma literatura de formação no Tocantins José Manoel Sanches da Cruz	Discute, numa perspectiva comparada, a representação das peculiaridades locais na literatura do Tocantins num momento em que o pensamento predominante na crítica aponta para a extinção das diferenças regionais.
--	---	--

Fonte: Elaborado pelos pesquisadores (2023).

De modo geral, os textos mencionados no Quadro 1 denotam a percepção de que as produções literárias tocantinenses têm sido objeto de investigação em diferentes níveis de ensino/pesquisa.

Outros indicadores observados na pesquisa corresponderam à identificação de escritores vinculados a academias de letras localizadas nos municípios de Palmas, Gurupi e Araguaína. Como exemplificação, realizamos o registro dos nomes de alguns destes escritores. Nesse sentido, apresentamos, nos Quadros 2, 3 e 4, o registro do levantamento de nomes de escritores e de obras por eles publicadas.

O quantitativo de escritores mencionados de cada academia de letras não corresponde ao total de seus membros. Esse recorte foi realizado apenas para cumprir as diretrizes específicas deste artigo. Vejamos, portanto, alguns dos nomes de alguns escritores membros das academias de letras dos três municípios acima mencionados.

Quadro 2. Escritores integrantes da Academia de Letras de Araguaína

Nome do Escritor	Nome da Principal Obra Literária	Ano de Publicação
Alexandre Gomes de Brito	Crônicas da Barraria	2020
Antônio Brito Sousa	Vida em Fragmentos	2021
Zequinha decolores	Babaçulândia/TO: um livreto de cordel	2004
Edson Gallo	A Cor do Poema	2010
Francisco Neto Pereira Pinto	O Gato Dom	2022
Leomar Alves de Sousa	De Dizer a Vida	2021
Luiz Aparecido da Silva	Nos Rastros da Poesia	2009
Luiza Helena Oliveira da Silva	O que sobrou do tempo	2021
Orestes Branquinho Filho	Tessitura Dissidente	2000
Simone Elias Souza Vieira	Desabrochando em Versos	2022
Wandercy de Carvalho	Contemas	2014

Fonte: Elaborado pelos pesquisadores (2023).

Os dados evidenciam que os escritores tocantinenses, além de divulgarem suas obras, estão organizados institucionalmente, fato que fortalece a circulação e legitimação da produção local. A Academia de Letras de Araguaína (Quadro 2, acima), por exemplo, tornou-se um dos principais polos de articulação da literatura na região norte do estado, com lançamentos regulares de livros.

Quadro 3. Escritores integrantes da Academia de Letras de Gurupi

Nome do Escritor	Nome da Principal Obra Literária	Ano de Publicação
Ednea Amancio da Silva	Retalhos	2001
Eliosmar Veloso	Janela da Liberdade	2020
João Gomes da Silva	O Oasis e as serpentes	2014
Ana Marcia Barros	Algemas do Tempo	2022
Antônio Farias da Silva	Deus salve o planeta terra (cordel)	2021
Juraci Teles	A Tempestade	2013

Paulo Albuquerque	Cantos em SI, identidade tocantinense	2021
Paulo Henrique Costa Matos	Espelho de Paixões	2002
Plínio Sabino	Gurupi em prosa e versos	2018
Zacarias Martins	Histórias da Gurupi de Gurupi	2007
José Ferreira do Nascimento	Feridas da Vida	2003

Fonte: Elaborado pelos pesquisadores (2023).

Em Gurupi, nomes como Zacarias Martins consolidaram o papel da crítica cultural no sul do Tocantins. Outros nomes gurupienses também são responsáveis para o lugar literário. Em Palmas, a diversidade de gêneros - da poesia à historiografia - evidencia a pujança da Capital como espaço de criação literária.

Quadro 4. Escritores integrantes da Academia de Letras de Palmas

Nome do Escritor	Nome da Principal Obra Literária	Ano de Publicação
Osmar Casagrande Campos	A Casa (in)cômodos (di)versos	2009
Edson Cabral de Oliveira	Espelhos	1998
Márcio Gonçalves Moreira	Barrolândia: História e Geografia	2022
Tomásia Costa Parrião	Sabores do Tocantins	2000
Manoel Bonfim da Mota Barros	O Papel do Orientador Educacional	2021
Alexandre Testa Acampora	Burangaba	2015
Dídimo Heleno Póvoa Aires	Retiro do Mato Adentro	2019
Luiz Carlos Alves Teixeira	Monturo o Livro dos Arcanos	2019
Kleber Bucar Barreira	Araguacema Duzentos Anos de História	2011
Lucelita Maria Alves	O Canto da carpideira	2014
Junio Batista do Nascimento	Tocantins: História e Geografia	2019

Fonte: Elaborado pelos pesquisadores (2023).

Com base nas informações registradas nos quadros acima, o projeto “Caracterização e Análise da Literatura Tocantinense” permitiu a identificação de pesquisas acadêmicas que tomam a LT como objeto de investigação.

Além disso, potencializou a percepção do potencial de consolidação da LT como campo literário em expansão, cujas produções devem ser compreendidas em diálogo com as noções de LT e LPT.

A partir da próxima seção, são apresentadas e analisadas as duas obras literárias tocantinenses que subsidiaram a realização da pesquisa, cuja conceituação encontra-se definida no conjunto deste artigo. Especificamente, as produções literárias no estado do Tocantins têm sido objeto de diferentes nomeações. De modo pontual, as obras analisadas exemplificam o que se considera, a partir das definições mencionadas na quarta seção, como exemplos de obras categorizadas em “Literatura Tocantinense - LT” e “Literatura Produzida no Tocantins - PT”.

Apresentação e análise de Janela da Liberdade (2016), de Eliosmar Veloso

A obra “Janela da liberdade”, de Eliosmar Veloso (2016), é analisada neste artigo sob o enfoque da categoria “Literatura Produzida no Tocantins” porque discute abordagens a respeito do espaço feminino desde o apogeu do patriarcado aos dias atuais. Isso significa que ela foi publicada por um escritor residente no município de Gurupi-TO, mas que não retrata aspectos característicos do Estado do Tocantins. Apesar disso, é uma obra que, também, integra a categorização “Literatura Tocantinense”. Essa distinção não a diminui no conjunto da Literatura Tocantinense (LT), mas indica uma posição específica dentro do campo literário (Bourdieu, 1996).

Conforme se apresenta, a obra de Veloso (2016) corresponde a um diálogo atualizado sobre o espaço feminino. Nesse prisma, apresentamos alguns dos modos de análise da obra epigrafada.

A obra “Janela da Liberdade”, publicada em 2016, apresenta em seu enredo inicial elementos estéticos e de temáticas características do romantismo brasileiro do século XIX e XX, tais como: a idealização da mulher como um ser puro, delicado e inocente, do herói, e do amor. A narrativa retrata a rigidez de um patriarca (seu Aníbal) e a influência exercida por ele na vida das mulheres da casa, a esposa, dona Amélia, as filhas mais novas, Joana e Mirtes, e a filha Marta, protagonista da história. A obra mostra o sofrimento de Marta, a filha mais velha que se aproximando o seu décimo oitavo aniversário, vivencia a imposição de seu pai em lhe arranjar um casamento.

Hoje a [sic] noite o Joaquim vem aqui, quero que receba ele muito bem. Se ele gostar de você, então vamos fazer o casório o mais rápido possível, você já vai completar dezoito anos e moça nessa idade, só pensa no que não presta (Veloso, 2016, p.13).

O enredo se desenrola nas peripécias encontradas por Marta para tentar se esquivar do caminho reto e lineário do casamento já traçado por seu pai. Para seu Aníbal, a mulher deveria casar-se, ter filhos, cuidar da casa e da família.

O autor estruturou a obra em onze capítulos. Em cada capítulo, conflitos emocionais e sociais vão surgindo mediante a influência rigorosa de seu Aníbal sob a mulher e suas filhas, em especial Marta. O autor deixa claro desde o início que a personagem terá que enfrentar vários desafios para desvencilhar-se do domínio machista de seu pai. Nesta perspectiva, o espaço feminino dedicado à mulher, na obra, é estereotipado como o doméstico, um ambiente para o qual a mulher estava socialmente designada.

Sob a lente da crítica feminista, esse espaço se apresenta como território de desigualdade. Simone de Beauvoir (1970) já havia denunciado que a mulher, reduzida ao doméstico, é socialmente construída como o “Outro” em relação ao homem. Heleieth Saffioti (2013), por sua vez, ressalta que o patriarcado brasileiro atingiu sua consolidação a partir da naturalização da autoridade masculina e da submissão feminina, sobretudo no âmbito familiar.

Na voz do narrador, o autor apresenta seu Aníbal como um homem rigoroso e machista.

Ele [seu Aníbal] tinha um pequeno Armazém, ao lado da sua casa e como o comércio ficava aberto todos os dias da semana, até certas horas da noite, não tinha muito tempo para a família, talvez isso também o ajudasse a ser um homem **tão rigoroso, conservador, machista e ciumento**. Para ele, mulher era mulher e homem era homem. Ele era uma dessas pessoas que pensava que mulher tinha que ter cuidado até mesmo para sentar-se, não podia ser de qualquer jeito. Não admitia jamais que suas filhas passassem à sua frente quando ele estivesse conversando com alguém. Interrompê-lo, era motivo para uma surra, mesmo na filha mais velha. Ele era o pai e os filhos eram obrigados a obedecê-lo. Nunca era contestado, nem mesmo por sua esposa, dona Amélia (Veloso, 2016, p. 9-10, grifo nosso).

Como visto em obras características do romantismo, o papel da mulher, seus diálogos, pensamentos e sentimentos se passam no espaço da casa. O cotidiano familiar é o cenário principal das histórias e é onde a trama se inicia e se desenvolve. Nesse sentido, a obra de Veloso mobiliza estruturas narrativas românticas: a heroína inocente e virtuosa, o pai autoritário, o amor como redenção, o sofrimento como prova moral. Alfredo Bosi (1994) lembra que o Romantismo brasileiro oscilava entre a idealização feminina e a denúncia das limitações sociais.

No trecho abaixo dona Amélia é apresentada, como uma mulher submissa, dedicada ao marido e as filhas:

Esta por sua vez, era uma mulher totalmente submissa, mantinha-se sempre no seu lugar, ou pelo menos no lugar que imaginava ser o seu. Chamar seu marido de “meu bem”, “querido”, ou qualquer outro apelido carinhoso, nem pensar.

Vivia apenas para cuidar da casa, do marido e das filhas (Veloso, 2016, p. 10).

A partir das apresentações dispensadas aos personagens seu Aníbal e dona Amélia, fica evidente os papéis distintos que ambos ocupam no seio da família, o de “provedor” e o de “cuidadora”. Ao apresentar a personagem principal, o autor enfatiza, mais uma vez, características determinantes da mulher neste período:

Como nunca tinha trabalhado, nem mesmo no armazém do seu pai, também não tinha profissão; apenas ajudava sua mãe nos afazeres domésticos, pois para seu pai, mulher tinha que ficar em casa; trabalho era coisa de homem; a mulher servia apenas para cuidar da família, da casa e para a reprodução (Veloso, 2016, p. 11).

As outras duas filhas do casal recebem menção rápida e passam quase despercebidas pela história, pois, “as duas mais novas, pela pouca idade e a mais velha, sentiam seus desejos, tinha seus admiradores, mas não tinha coragem de se aproximar de nenhum deles” (Veloso, 2016, p. 11).

Além de “ficar em casa”, a mulher servia para “a reprodução”. Isto se contrapõe ao discurso atual e popularizado nas redes sociais e discussões em diferentes ambientes: “o lugar de mulher é onde ela quiser”. Desde o episódio que deu origem ao Dia Internacional da Mulher, e até antes disso, muitas foram as conquistas das mulheres para marcar a sua participação social fora do ambiente familiar. Apesar das muitas conquistas, obtidas no campo feminino, ainda é árduo a luta da mulher em permanecer atuante, relevante em suas profissões principalmente após serem mães. As demandas aumentam, juntando-se ao trabalho fora de casa. O “cuidar” ainda é papel quase que absoluto da mulher.

O papel do homem (o de prover) e o da mulher (o de cuidar), assim como na obra em questão, foram vistos desde a era paleolítica, quando o homem saía para caçar e a mulher permanecia em casa para cuidar da família. A sociedade contemporânea, no entanto, desafia este estereótipo e busca por igualdade entre os gêneros, principalmente quanto aos direitos das mulheres, por exemplo, equiparação salarial quando ocupam o mesmo cargo que homens.

O discurso denota que o próprio autor parece discutir consigo mesmo sobre a dicotomia entre reconhecer as lutas vividas pelas mulheres, o que elas já passaram e as conquistas que já obtiveram até aqui. Esta afirmação encontra suporte na apresentação da família “Cavalcante Costa” que era composta pelo Sr. Augusto, a Sra. Tereza e seu filho Renato, de dezessete anos de idade. “Dr. Augusto era advogado e sua esposa, D. Tereza, era professora...Eles eram liberais e conversavam sobre tudo com o filho” (Veloso, 2016, 13).

Na narrativa, dona Tereza representa esta mulher contemporânea, aquela que além de se dedicar a família também tem uma profissão e trabalha fora de casa. Tudo isto, é feito com o apoio do marido, homem esclarecido e liberal. Apesar de apresentar ao leitor estes personagens, de atitudes contrárias às da família de seu Aníbal, o próprio autor trata de esclarecer ao leitor quanto ao papel da mulher, visto na família de Marta, como consequência da época em que a narrativa acontece, assim, situa o leitor:

Naquela época, advogado era profissão de homem e professor, era profissão de mulher, mas isso não tinha problema, já que seus pais não se importavam e não tinham preconceitos. Para eles, a pessoa era o que era e não interferiam na decisão do filho, ele um dia acabaria escolhendo a profissão certa a seguir (Veloso, 2016, p. 13).

Aspectos sociais e culturais podem ser observados na obra quando da apresentação dos personagens e seus enredos. Enquanto o enredo principal trata das lutas de Marta, contra a rigidez e preconceito de seu pai, o enredo secundário mostra o diálogo da família “Cavalcante Costa” sob os mesmos assuntos.

Apesar dos diálogos, Marta não concorda com o modo como seu pai cuida dela e de suas irmãs, motivo pelo qual questiona a submissão da mãe.

Marta: - Como a senhora aguenta viver assim, mãe?
Não tem direito a nada, não sai de casa, só trabalha e cuida de nós e do papai, como a senhora aguenta isso?
(Veloso, 2016, p. 18).

A personagem demonstra não concordar com aquela situação e deseja algo melhor para si, mas para isso preciso descobrir ainda uma maneira para sair daquela situação, conhecer seu próprio pretendente. Embora ainda presa às amarras do espaço doméstico, Marta começa a vislumbrar uma possibilidade de ruptura. Sua atitude reflete o que Judith Butler (2003) denomina de performatividade de gênero: a noção de que as identidades não são fixas, mas podem ser repetidas e, eventualmente, subvertidas.

A narrativa aponta que a mãe de Marta, por sua vez, responde, conformando-se com a situação, a única conhecida até ali. Afinal, seu lugar era o da casa, ou seja, o de permanecer atrelada a uma identidade que representava apenas a responsabilidade de cuidar do lar.

Dona Amélia: Ah! filha, já estou acostumada, são quase vinte anos. Meu pai fez comigo igual seu pai está fazendo com você e vai fazer com suas irmãs. Eu queria que não fosse assim, mas não tem jeito. Sou obrigada a aceitar.

Marta: *Não mãe. Não somos obrigadas não, isso um dia vai ter de mudar.*
(Veloso, 2016, p. 18).

Em relação aos avanços conseguidos pelas mulheres, a experiência de mulheres como as personagens Dona Amélia e Marta, contribuíram para que uma ruptura nos padrões acontecesse, foi somente por vivenciar injustiças que as mulheres puderam lutar pelos seus direitos. A cada geração, a sua mudança, a sua força, a submissão de muitas mães levaram tantas filhas a lutarem por espaços iguais primeiro dentro de casa, já que o tratamento dado aos filhos homens sempre foi diferente dos dados às meninas mulheres, tanto em termos de obrigações e deveres.

A partir do encontro do pretendente de Marta, o sr. Joaquim, a trama passa por várias transformações. O diálogo a seguir marca o nascimento de uma amizade que perduraria a maior parte da narrativa,

Joaquim: E aí, senhorita Marta, seu pai me procurou dizendo que você está para completar a idade de casar e me convidou para vir conhecê-la, mas estou achando a senhorita um pouco triste. O que aconteceu?
(Veloso, 2016, p. 20).

A preocupação de Joaquim em saber a razão da tristeza de Marta, traz para a trama a visão de outro homem sobre o destino de uma mulher.

Marta: E que eu mesma gostaria de escolher meu marido, o senhor há de entender que essa é uma situação constrangedora. Eu não concordo com os métodos do meu pai.

Joaquim: Também acho, senhorita Marta. Eu também não concordo com essa situação. As pessoas devem ser livres para escolher seu caminho. Não podemos ser felizes andando por uma estrada desconhecida, que foi aberta por outras pessoas, mesmo sendo pelo próprio pai.
(Veloso, 2016, p. 20).

O compadecimento de Joaquim para com a personagem, mostra sua visão sobre os destinos de cada indivíduo, o papel da mulher para ele não se resumia aos já mencionados até aqui. O enredo passa a colocar a mulher em outros cenários diferentes do ambiente doméstico.

Joaquim: Vamos fazer o seguinte: Vamos dizer para seus pais que estamos namorando, só assim, talvez eu possa tirar você de dentro dessa casa para se divertir um pouco e acabar com essa tristeza que assola seu coração.
(Veloso, 2016, p. 22).

A casa deixa de ser o único cenário, outros ambientes e aspectos regionalistas passam a incorporar a trama, a praça da cidade, onde Marta finalmente encontra com ajuda de Joaquim “Renato”, filho da família Cavalcante, seu amor. Fugas após a descoberta de gravidez e a partida do personagem Renato para o exterior fazem o alicerce para o desenvolvimento da história que se findará no capítulo XI “O desfecho” com a volta deste personagem, assim como a mudança de pensamento de seu Aníbal após o nascimento do neto.

Ainda restavam suas outras duas filhas, Joana e Mirtes, mas estava resolvido que com elas tudo seria diferente, aliás, já estava sendo, elas não eram mais presas como antes. Já tinham conquistado a liberdade para estudar, sair para passear etc. Privilégios que Marta não teve, e por isso mesmo, quando ele parava para pensar, ficava muito arrependido e pensava:
Aníbal: Graças a Deus que as coisas não tomaram outro rumo. Terminou tudo dentro dos conformes (Veloso, 2016, p. 174).

Marta, que foi criada para cuidar da família e reproduzir, tornou-se em uma mulher atuante, com uma profissão, crescendo pessoalmente e profissionalmente com seu esposo e seus filhos.

No contexto da narrativa de Veloso (2016), o papel da mulher na sociedade contemporânea, é fruto de diversas lutas e muitas conquistas ao longo da história, conquistas estas que datam do período paleolítico em que seu papel de “cuidadora” foi estabelecido, e apesar das tantas mudanças que o ser humano passou com a mudança de hábitos, de nômades para sedentários, a criação das cidades e países o papel da mulher continuou o mesmo.

A obra “Janela da Liberdade” retrata um pouco dessas mudanças através das personagens femininas, Marta e sua mãe, cujas falas não foram totalmente contempladas nesta breve apresentação da obra, mas pontuaram o diálogo de mulheres que revivem em seus casamentos situações observadas em casa. Em suma, a narrativa, eleva as personagens femininas, dando voz a Marta para expor seus pensamentos e anseios, à sua mãe dona Amélia, por questionar o marido. Junto a isso, a redenção de seu Aníbal significa que as irmãs já não passarão pelo que Marta passou.

De maneira, simples e objetiva, por meio do ambiente familiar, o autor aborda temas atuais e relevantes que merecem discussão a qualquer tempo. O papel da mulher deve fazer parte das pautas políticas públicas nacionais, regionais e internacionais. Os avanços até aqui devem ser celebrados e o encorajamento a mulheres para ocuparem lugares de liderança deve ser cada vez mais enfatizado. Precisamos das mulheres nas ciências, nas decisões sobre o clima e sobre as políticas públicas.

Embora a obra não tematize explicitamente o Tocantins, ela elabora uma geografia simbólica: a oposição entre a casa - lugar de confinamento - e a cidade - horizonte de liberdade. A casa de Seu Aníbal funciona como prisão, enquanto a praça da cidade e os encontros fora do lar representam possibilidades de fuga.

Yi-Fu Tuan (1983), ao discutir a categoria de espaço e lugar, argumenta que o lugar é carregado de valores e significados afetivos, podendo ser tanto abrigo quanto prisão. No romance, a casa é lugar de clausura, enquanto os espaços públicos representam a abertura. A respeito disso, Milton Santos (1996) complementa que o espaço é produto das relações sociais e a oposição entre casa e cidade traduz a dicotomia entre tradição e modernidade, submissão e liberdade.

Em geral, a leitura de “Janela da Liberdade” permite vincular a obra ao debate contemporâneo sobre literatura regional. Embora sua constituição não retrate diretamente rios, florestas ou tradições tocantinenses é uma obra que problematiza o espaço social e a experiência de viver em um contexto marcado por hierarquias de gênero.

Segundo destaca Pierre Bourdieu (1996), o campo literário é estruturado por disputas simbólicas, em que a consagração não depende apenas do conteúdo, mas também das instituições

que legitimam. Nesse sentido, o romance de Veloso (2016) participa ativamente da constituição de uma rede literária tocantinense, reforçando a ideia de que a LT é tanto prática estética quanto prática social.

Apresentação e análise de “O que vi (e registrei) no caminho das águas (2023), de Súsie Fernandes Santos Silva

A segunda obra utilizada como materialidade para composição deste artigo recebeu o título de “O que vi (e registrei) no caminho das águas” e foi publicada em 2023) por Súsie Fernandes Santos Silva. Especificamente, é uma obra que apresenta ao leitor o resultado de experiências resultantes de atividades de uma pesquisa de doutorado dedicada à investigação sobre a situação do uso de praias artificiais construídas no Rio Tocantins.

A composição literária de Silva (2023) congrega a escrita de 44 textos resultantes da leitura de 44 fotos que evidenciam a situação das praias, barracas e águas do lago da Usina Hidrelétrica de Estreito, construída no município de Estreito-MA, utilizadas pelos turistas, seja ou não em épocas de férias, ou ainda, quando da temporada de verão/veraneio, a qual ocorre entre o final do mês de junho e início do mês de agosto.

A escrita poética de Silva (2023) representa um verdadeiro passeio pelas praias dos municípios que congregam a bacia dos grandes rios. Especificamente, esta obra assume a caracterização “Literatura Tocantinense”. Isso se dá porque é uma produção que apresenta elementos relacionados aos aspectos regionais do estado do Tocantins. Notadamente, esta segunda obra corresponde, também, ao contexto da Literatura Produzida no Tocantins porque diz respeito a uma escritora que reside no município de Araguaína-TO.

A obra trata do lago da Usina Hidrelétrica de Estreito, no Rio Tocantins. Em razão disso, faz menção às praias artificiais localizadas nos municípios de Palmeiras do Tocantins, Darcinópolis, Babaçulândia, Filadélfia, Barra do Ouro e Palmeirante.

A referência de Silva (2023) à praia do Pedral, localizada no município de Palmeiras do Tocantins, diz respeito a uma praia que estava sem funcionamento em razão da Covid-19. As motivações para a proibição do uso da praia resultaram da publicação de decretos municipais.

Já não há o pedral...

Minha primeira visita à Praia do Pedral
Foi em julho do ano de 2021, em um dia de domingo
Época com medidas restritivas
Em virtude da pandemia de Covid-19
Não houve atividades da temporada de veraneio
Decretos municipais proibiram a aglomeração em locais
[...].
Mas...
Se a praia é do pedral, cadê o pedral?
Só tem areia!
O pedral existia na praia natural,
Tudo está embaixo da água
Depois da formação do lago
Ficou apenas na lembrança
Daqueles que conheceram a beleza do lugar
De herança, permanece o nome da praia natural!
(Silva, 2023, p. 44).

Um aspecto peculiar à localização da praia diz respeito à identificação das pedras que compunham a paisagem. Sobre isso, a pesquisadora ressalta que o nome praia do “pedral” era resultado da praia natural existente antes da criação do lago da UHE de Estreito-MA. O nome em questão é considerado uma lembrança significativa, pois era lá que os proprietários das barracas, nas épocas das praias naturais, conhecidas por temporada de praia sazonal, conseguiam recursos

financeiros para complementar o sustento de suas famílias.

A praia localizada no município de Darcinópolis é apresentada como uma das mais tranquilas. Essa percepção decorre da distância que a mesma se localiza da cidade, cerca de 60 km. Na percepção de Silva (2023), a praia de Darcinópolis é um ambiente considerado ideal para a contemplação da natureza.

Diferente das localizadas nos demais municípios, a praia de Darcinópolis apresenta natureza tranquila em razão da dificuldade de acesso. A ida a essa é de modo singular porque os turistas precisam levar seus alimentos em razão da ausência de alimentos à venda pelos proprietários de barracas. Na narrativa há evidências de que o convívio entre os turistas era em tom de tranquilidade, com ambiente para o compartilhamento do “frito de costela suína e da galinhada feita na madrugada”.

É necessário vivenciar a pesquisa
Nem só de respostas e observações
É constituída uma pesquisa
Há momentos de ouvir e calar
Há momentos de perguntar e anotar ou gravar
Também há momentos de compartilhar:
Do frito de costela suína que a pesquisadora levou,
Da galinhada feita de madrugada,
Da paçoca de carne de sol, com farinha de puba e azeite de
coco,
Da melancia, suco e balas...
É necessário vivenciar o que acontece nos diversos lugares...
Andar descalço na areia,
Tomar banho no lago,
[...].
A conversa descompromissada e livre
Apresentou mais do cotidiano dos barraqueiros,
Das lembranças sobre as temporadas da praia natural,
As dificuldades no início das atividades na praia artificial
Ponderações sobre possibilidades de melhoria!
(Silva, 2023, p. 83).

A realidade da praia de Darcinópolis é diferente das demais porque suas águas não contam com os proprietários de barcos para o transporte de turistas porque eles não costumavam enfrentar a longa distância da estrada de terra que os separava do lago.

A menção à praia de Babaçulândia, após a construção do lago da Usina Hidrelétrica de Estreito, na poesia de Silva (2023), assume o tom de lembrança ao mencionar a embarcação denominada “canoa”. Esse meio de transporte era um dos mais populares entre os moradores ribeirinhos em razão do baixo custo de construção ou aquisição.

A “canoa” era utilizada para o transporte de gêneros alimentícios e de turistas. No entanto, ela perdeu sua função ao ficar impossibilitada de navegação. A “canoa” foi destinada à serventia de local de plantio de frutas e legumes mediante o uso de adubos, que em linguagem popular é conhecido como “canteiro”.

Canoa: da água ao cultivo urbano

Qual a utilidade de uma canoa nova?

- Transportar gêneros alimentícios da vazante até o mercado consumidor...
 - Levar aposentados das regiões ribeirinhas até a cidade mais próxima para sacar seus benefícios...
 - Conduzir o turista pela paisagem das águas... desde a margem próxima à cidade até as mais distantes praias...
 - É o meio de transporte para o pescador também!
- E depois que já não é mais possível utilizá-la nas águas?
- Ah! Continua sendo útil!
- Observe atentamente que bonito e carregado pé de pimenta
Dos três mamoeiros, apenas o meio tem frutos...

A proa sustenta vasos de samambaia
Na popa a plantação de hortelã cresce viçosa
Além dessas utilidades apresentadas
Há a utilidade de rememorações afetivas
Para não esquecer como tudo transcorreu
Não só do tempo servível da canoa nas águas do rio Tocantins,
Mas também por saber que nada será como antes
Depois da formação do lago da UHE...
As raízes permanecem nas lembranças e no pouco palpável
que
é possível guardar!
Até quando? (...).
(Silva, 2023, p. 20).

A menção ao rio Tocantins e à canoa faz com que a produção literária de Silva (2023) seja observada no contexto da Literatura Tocantinense. Isso se dá porque é uma obra que aborda aspectos peculiares do estado do Tocantins. Reforçando esse contexto, e na condição de valorização das praias localizadas no estado do Estado do Tocantins, Silva (2023, p. 3) pondera:

O meu desejo é que as imagens gravadas pelo ângulo desta pesquisadora, como o aparelho celular - equipamento não profissional - possam ser úteis para o desdobramento e multiplicação de visitas de turistas e moradores da região norte do estado do Tocantins (Silva, 2023, p. 3).

O texto “Paisagem de uma época pandêmica”, de Silva (2023, p. 34) dá início à análise de uma obra que expressa características da praia localizada no município de Filadélfia/TO. A menção a este município indica que se trata de uma produção literária tocaninense, uma vez que ela aborda elementos peculiares do estado do Tocantins. Vejamos o texto:

Quinze meses desde o início da pandemia Covid-19...
Visitei a praia do Coqueiro em Filadélfia/TO
Cheguei após o meio-dia, achando que havia alguma barraca
fornecendo alimentação
Grande engano: tudo estava fechado e sem funcionamento!
Na areia, muita vegetação rasteira em processo de retirada
A água sem nenhum banhista...
A cor azul da água e do céu
Estavam separadas pelas edificações da cidade de Carolina/
MA
Que ao longe mostrava bonita, mas do lado de cá...
A água agitada pelo vento suave.
A imagem refletida na areia, mostrava o desenho das palhas
desgastadas pelo tempo,
Da madeira nua
E se misturava com a vegetação, que já passara da areia para
a água
Tudo lindo e parado!
Só me restou observar e registrar as imagens!
(Silva, 2023, p. 34).

Silva (2023) trata dos aspectos característicos das praias artificiais ao dizer que tinha visitado a praia do Coqueiro no município de Filadélfia/TO após quinze meses do isolamento social motivado pela Covid-19. O espaço que antes servia de banho e descanso para os turistas estava sem utilização. As barracas que protegiam os turistas do sol estavam danificadas pela ação do tempo. Além disso, a areia da praia estava suja e sem condições de uso. O espaço de banho também estava sem condições de uso em razão da dificuldade de acesso.

Segundo a distinção de Yi-Fu Tuan (1983), a noção de espaço é reverberada na obra de

Silva (2023) como um campo aberto de possibilidades, cujo lugar é carregado de valores, afetos e memórias. Nessa vertente, a obra analisada apresenta alinhamento com a ecocrítica, segundo Lawrence Buell (1995) ao apresentar a reflexão de um campo teórico que analisa a presença e a relação do homem com o meio ambiente, principalmente quando se observa esse lugar não apenas como mero pano de fundo, mas como elemento que dá vida social, como é o uso exemplificado dos rios, praias, barracas e canoas.

Silva (2023) faz menção ao alimento típico da temporada de praia: o peixe frito. Na praia, apesar de ser considerado espaço para banho, os turistas podiam viver momentos de descanso deitados em suas redes. No entanto, esses momentos estavam apenas na memória da apreciação da paisagem das águas.

Em trecho do poema “Tem uma ponte sobre o lago”, Silva (2023) faz um trocadilho sobre a ponte e o lago. Nas proximidades da ponte e do lago há a praia denominada “Barra do Ouro”, a qual se mostra como algo interessante e merecedora de uma visita. Provavelmente, é uma praia importante em comparação com o “ouro”, metal nobre e de grande importância social.

Tem uma ponte sobre o lago

[...].

Tem uma ponte sobre o lago

Sobre o lago tem uma ponte!

O que há perto da ponte e perto do lago?

A praia do Ouro, em Barra do Ouro/TO!

Vai lá! Conheça a ponte, o lago e muito mais...

(Silva, 2023, p. 24).

O termo “ouro” teve origem a partir de uma “pedra/barra” de ouro encontrada nas margens do riacho, afluente do rio Tocantins. Em atenção a isso, a praia da cidade recebeu, também, o nome de praia da Barra do Ouro. Notadamente, a praia é considerada de grande importância para os turistas. Isso se dá porque ela, a partir da ponte mencionada no texto, é de fácil acesso.

Em relação à caracterização “Literatura Tocantinense”, o poema apresenta elementos característicos de uma cidade que representa um convite de visita a um importante município tocantinense, a cidade de Barra do Ouro/TO.

O poema “Rio ou céu?” evidencia o registro de uma visita ao município de Palmeirante/TO. Novamente, a menção à praia artificial é apresentada mediante a constatação de que não havia banhista/turista nela. As barracas utilizadas para servir refeições também estavam fechadas, ou seja, sem seus proprietários. A expectativa de Silva (2023) consiste no retorno à praia em momento de funcionamento das barracas, bem como de turistas para o consumo dos alimentos típicos da região.

Rio ou céu?

Num domingo cedo

Ainda durante o segundo ano da pandemia COVID-19

Estive na praia de Palmeirante/TO

Nenhum banhista ou barraqueiro por lá!

[...].

Quem em 2022 haja o funcionamento da praia

Muitas pessoas a usufruir do lazer

E os barraqueiros a trabalhar!

(Silva, 2023, p. 30).

O texto em questão revela que a praia artificial é um espaço de lazer, mas além disso é, também, um dos atrativos em que os proprietários das barracas podem ganhar dinheiro para o sustento de suas famílias.

Os trechos dos poemas destacados apresentam ao leitor aspectos fundamentais sobre as praias artificiais criadas a partir do enchimento do lago da UHE Estreito/MA. De certo modo, a produção literária de Silva (2023) representa uma das possibilidades de conhecimento turístico do Estado do Tocantins.

De modo geral, a obra de Silva (2023) faz alinhamento com os aspectos humanos, pois,

segundo destaca Antonio Candido (2006), a literatura cumpre funções humanizadoras, oferecendo voz ao sofrimento e à esperança das comunidades. Nesse sentido, a experiência local é observada sob o discurso poético que preserva memórias e questiona transformações socioambientais. Além disso, ao tematizar questões ambientais e sociais, a obra contribui para o debate interdisciplinar entre literatura, geografia, história e educação ambiental, ampliando sua relevância para além do campo estritamente literário.

Sob a premissa de uma literatura que está em condições de expansão, a “Literatura Tocantinense”, que também diz respeito à “Literatura Produzida no Tocantins”, precisa alcançar os espaços das bibliotecas escolares para que as condições de escolarização, conforme enfatiza Soares (1999), sejam alinhadas à prática continuada da leitura. Nesse sentido, escolarizar a LT significa oportunizar que ela faça parte de temáticas que podem ser exploradas a partir da literatura. Em dizeres gerais, a literatura é uma arte que está presente em diferentes componentes curriculares. Por isso, a sua exploração é fundamental em cada uma das disciplinas que integram o currículo da educação básica ou superior.

Literatura tocantinense ou literatura produzida no Tocantins

O ponto alto desta seção gira em torno do seguinte questionamento: o que pode ser caracterizado como “Literatura Tocantinense” ou “Literatura Produzida no Tocantins”? De modo reflexivo, as respostas esperadas para o contexto destes dois termos têm em comum elementos literários tocantinenses ou não. Além disso, as duas nomeações apresentam efeito espiralar, uma vez que o ponto fundamental da discussão sobre os dois termos em questão não se restringe a dizer o que é ou não a produção literária no estado do Tocantins. Interessa, portanto, identificar quem são os escritores e quais obras literárias são produzidas no estado mais novo da federação brasileira.

O suporte teórico dos dois conceitos apresentados está ancorado nos dizeres de Coutinho (1968) ao tratar reforçar o potencial da literatura regional. Vejamos o modo como a LT pode ser observada:

Num sentido largo, toda obra de arte é regional quando tem por pano de fundo alguma região particular ou parece germinar intimamente desse fundo. Neste sentido, um romance pode ser localizado numa cidade e tratar de problema universal, de sorte que a localização é incidental (Coutinho, 1968, p. 202).

Na perspectiva de Bourdieu (1996), a literatura deve ser compreendida como campo estruturado por disputas simbólicas e institucionais. Assim, a categorização entre LT e LPT não pode ser vista como algo fixo ou natural, mas como posições móveis nesse campo, determinadas pela circulação das obras, pelo reconhecimento crítico, pelas políticas culturais e pela inserção pedagógica no currículo escolar.

Conforme discutida neste artigo, a literatura produzida em um determinado estado, como é o caso do Tocantins, não limita sua potencialidade ao seu espaço geográfico, pois é ela uma produção que deve alcançar o conjunto universal.

Singularmente, é importante observar, no contexto das definições de Candido (2006), a existência de uma literatura produzida no Brasil pela representatividade dos escritores residentes nos diferentes Estados. Nessa concepção, a literatura nasce do particular (do escritor) ao coletivo (aos leitores).

A literatura, porém, é coletiva, na medida em que requer uma certa comunhão de meios expressivos (a palavra, a imagem), e mobiliza afinidades profundas que congregam os homens de um lugar e de um momento, para chegar a uma “comunicação” (Candido, 2006, p. 147).

A literatura, seja ela característica ou não de uma determinada região, representa a força

expressiva do escritor. Nesse sentido, ela é importante porque assume o papel de comunicar algo real ou ficcional ao leitor.

Ao “pé da letra”, o primeiro apontamento conceitual mergulha na definição de que a LPT corresponde a obras que não apresentam características específicas sobre o estado do Tocantins, mas que foram publicadas a partir de 1989 por escritores residentes em algum de seus municípios.

O romance “Cynthia” (1989), de Creuza Cruz (escritora residente no município de Rio dos Bois-TO), representa uma das primeiras obras (ou talvez a primeira) publicadas no estado do Tocantins. De certo modo, é uma obra que consolida um dos importantes aspectos sobre a historiografia literária tocan-tinense.

A definição conceitual em questão corresponde ao contexto de que qualquer obra literária sem o registro característico sobre o estado do Tocantins faz parte da “Literatura Produzida no Tocantins”. Exemplo dessa abordagem é a obra “Janela da Liberdade”, de Eliosmar Veloso (2016), analisada neste artigo.

A obra de Veloso (2016) não apresenta elementos característicos do estado do Tocantins, mas foi produzida por um escritor, cuja história de vivência corresponde ao município de Gurupi. Por isso, ela está no centro da produção literária e congrega a noção de espaço produtivo a partir do estado do Tocantins.

De modo geral, o entendimento sobre o termo “Literatura Tocantinense” diz respeito às obras literárias que dão ênfase à valorização da identidade regional, o resgate de tradições e a representação das paisagens e peculiaridades locais. Assim, é uma literatura que congrega registros sobre fauna e flora, rios, solo, riquezas minerais, pontos turísticos, praias, rios e riachos do estado do Tocantins. Além disso, essa literatura pode explorar questões históricas sobre colonização, formação social, questões ambientais, dentre outros temas da região.

A caracterização do termo Literatura Tocantinense diz respeito às produções literárias que apresentam em sua composição algum aspecto característico do estado do Tocantins. Nesse sentido, a obra “O que vi (e registrei) no caminho das águas”, de Súsie Fernandes Santos Silva (2023) corresponde a um exemplo dessa literatura porque aborda detalhes do Rio Tocantins, bem como elementos característicos das praias artificiais de alguns municípios tocan-tinenses.

O debate sobre literatura regional no Brasil remonta ao século XIX. Afrânio Coutinho (1968, p. 202) já havia ressaltado que “num sentido largo, toda obra de arte é regional quando tem por pano de fundo alguma região particular ou parece germinar intimamente desse fundo”. Essa formulação mostra que o regionalismo não é restrição, mas ponto de partida, uma vez que, por exemplo, um romance situado em uma cidade pode tratar de problemas universais.

Notadamente, Alfredo Bosi (1994) complementa que o regionalismo literário brasileiro não se limita a descrever paisagens, mas recria tradições, conflitos e contradições que emergem do espaço local. É nesse sentido que a LT deve ser pensada: não como literatura “menor” ou “periférica”, mas como forma estética que articula memória, identidade e crítica social. Afinal, e segundo destaca Antonio Candido (2006, p. 147), a literatura é coletiva, pois requer “uma certa comunhão de meios expressivos [...] que congregam os homens de um lugar e de um momento, para chegar a uma comunicação”.

O Tocantins, criado em 1988, ainda constrói sua historiografia literária. Nesse processo, a distinção entre LT e LPT é ferramenta para organizar o campo e valorizar tanto obras que tematizam diretamente a região quanto aquelas que, mesmo sem esse recorte, integram a vida cultural local.

Diante do exposto, a produção literária no Estado do Tocantins assume o comportamento espiralar de uma dimensão poética que é vista como “Literatura Produzida no Tocantins” ou “Literatura Tocantinense”, pois o que interessa é destacar a existência de autores e obras à espera de leitores. Afinal, o campo de sua maior importância está associado ao envolvimento de autores, leitores, escolas, editoras e instituições culturais do Estado do Tocantins.

Considerações finais

A caracterização da Literatura Tocantinense, abordada neste artigo, representa um dos pontos fundamentais à compreensão da produção literária no Tocantins. Isso está denotado no

resultado de uma pesquisa que investigou escritores e obras representativas dos municípios de Gurupi, Palmas e Araguaína.

A iniciativa de definição dos termos “Literatura Tocantinense” e “Literatura Produzida no Tocantins” fundamentou-se na análise das obras “Janela da Liberdade (2016), de Eliosmar Veloso e “O que vi (e registrei) no caminho das águas (2023), de Súsie Fernandes Santos Silva.

No contexto das duas obras analisadas, a definição dos dois modos de referência à produção literária no Estado do Tocantins teve como foco a identificação de obras que apresentam elementos relacionados à fauna, flora, rio, córregos, praias, aspectos culturais, bem como reflexões que não dizem respeito a características ora mencionadas, mas que são produções literárias de escritores que residem ou residiram em algum dos diferentes municípios tocantinenses.

À guisa conclusiva, este artigo revela que a produção literária tocantinense fornece potencialidade à formação de leitores, bem como à realização de investigações científicas capazes de ampliar o mapa da crítica literária do campo regional ao da expansão nacional.

Referências

BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo: fatos e mitos; A experiência vivida**. 2 v. Tradução de Sérgio Milliet. 4. ed. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1970.

CANDIDO, Antonio. **Literatura e Sociedade**. 9ª ed. Revisada pelo autor. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006.

BOSI, Alfredo. **História concisa da literatura brasileira**. 39. ed. São Paulo: Cultrix, 1994.

BOURDIEU, Pierre. **As regras da arte: gênese e estrutura do campo literário**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

BUELL, Lawrence. **The Environmental Imagination**. Cambridge: Harvard University Press, 1995.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

COUTINHO, Afrânio. **Introdução à literatura no Brasil**. 4ª ed. Rio de Janeiro: Livraria São José, 1968.

COSSON, Rildo. **Letramento literário**. – São Paulo: Contexto, 2007.

CRUZ, Creuza. **Cyntia**. Gurupi: Cometa, 1989.

FLICK, Uwe. **Desenho da pesquisa qualitativa**. Porto Alegre: Artmed, 2009.

KLEIMAN, Ângela. **Texto e Leitor: aspectos cognitivos da leitura**. 8 ed. Campinas: Pontes, 2002.

MARQUES NETO, José Castilho *et al.* **Mediação de leitura: discussões e alternativas para a formação de leitores**. 1ª. ed. São Paulo: Global Editora, 2009.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço**. São Paulo: Hucitec, 1996.

SAFFIOTI, Heleieth. **A mulher na sociedade de classes**. São Paulo: Expressão Popular, 2013.

SILVA, Rubens Martins da. MACÊDO, Ysabella Canindé Guerreiro (Orgs.). **Caminhos históricos, sociais e pedagógicos da literatura tocantinense**. Palmas-TO: Unitins, 2024.

SILVA, Súsie Fernandes Santos. **O que vi (e registrei) no caminho das águas**. Araguaína-TO: Le Coq Editora, 2023.

SOARES, Magda. A escolarização da literatura infantil e juvenil. In: **A escolarização da leitura literária**: O jogo do Livro Infantil e Juvenil. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

TOCANTINS. **Documento Curricular do Tocantins**: Ensino Fundamental do 1º ao 9º ano. Secretaria de Estado da Educação e Cultura, 2019.

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e lugar**: a perspectiva da experiência. São Paulo: Difel, 1983.

VELOSO, Eliosmar. **Janela da Liberdade**. 3ª ed. Gurupi: Editora Veloso, 2016.

Recebido em: 29 de julho de 2024

Aceito em: 09 de agosto de 2025